

# A Última Batalha (Apocalipse 20:7-10)

David Chilton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

<sup>7</sup> E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão,

<sup>8</sup> E sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha.

<sup>9</sup> E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; e de Deus desceu fogo, do céu, e os devorou.

<sup>10</sup> E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre.

**7-8** Por fim **acabando-se os mil anos**, Deus está pronto para a derrota final do Dragão. De acordo com o propósito soberano de Deus, o diabo é **solto da sua prisão para enganar as nações**. O pós-milenismo bíblico não é um universalismo absoluto; nem ensina que em algum ponto futuro na história absolutamente todos que estiverem vivos serão convertidos. A profecia de Ezequiel sobre o Rio da Vida sugere que algumas áreas remotas – os “charcos” e os “pântanos” – não serão curados, mas “serão deixados para sal”, permanecendo sem ser renovadas pelas águas vivas (Ez. 47:11). Para mudar a imagem: Embora o “trigo” cristão será dominante na cultura mundial, tanto o trigo como o joio crescerão juntos até a colheita no final do mundo (Mt. 13:37-43). Nesse ponto, ao amadurecer o potencial de ambos os grupos, à medida que cada lado tornar-se plenamente consciente de sua determinação para obedecer ou se rebelar, ali haverá um conflito final. O Dragão será solto por um pouco de tempo, para enganar as nações em sua última e desesperada tentativa de sobrepujar o Reino.

Observamos no versículo 3<sup>2</sup> que o propósito específico do engano das nações por Satanás é **para as ajuntar em batalha**. Esse tem sido pelo menos um dos objetivos de Satanás desde o princípio: provocar a batalha final entre

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em agosto/2008.

<sup>2</sup> [http://www.monergismo.com/textos/pos\\_milenismo/aprisionamento-apocalipse20-1-3\\_chilton.pdf](http://www.monergismo.com/textos/pos_milenismo/aprisionamento-apocalipse20-1-3_chilton.pdf)

Deus e Suas criaturas rebeldes, para “frustrar” a obra de Deus e impedir que ela obtenha fruição e maturidade. Esse é o porquê houve uma queda súbita da atividade demoníaca quando Cristo começou Seu ministério terreno; essa foi a motivação de Satanás para tentá-lo, para entrar em Judas e este traí-lo, e para inspirar as autoridades judaicas e romanas para matá-lo. Seu plano saiu pela culatra, sem dúvida (1Co. 2:6-8), e a Cruz tornou-se sua própria destruição. Por todo o Livro de Apocalipse S. João mostrou o diabo trabalhando freneticamente em seus designios. Somente após o Reino de Deus ter alcançado seu potencial terreno, quando os mil anos tiverem acabado, Satanás será solto para fomentar a rebelião final – engendrando assim sua derrota final e destruição eterna.

Ao descrever a batalha escatológica, S. João usa a vívida imagem “apocalíptica” de Ezequiel 38-39, que descreve profeticamente a derrota dos sírios pelos macabeus no segundo século antes de Cristo: as forças ímpias são chamadas de **Gogue e Magogue**. De acordo com alguns escritores pré-milenistas populares, essa expressão refere-se à Rússia, e prediz uma guerra entre os soviéticos e Israel durante uma “Tribulação” futura. Mesmo à parte do fato que essa interpretação é baseada numa leitura radicalmente equivocada de Mateus 24 e as outras passagens sobre a “Grande Tribulação”,<sup>3</sup> ela é assaltada com inúmeras inconsistências internas. Primeiro, os pré-milenistas tendem a falar dessa guerra vindoura com a União Soviética como sinônimo de a “Batalha de Armagedon” (16:16). Todavia, sobre suposições pré-milenistas, a Batalha de Armagedon acontece antes de o Milênio começar – mais de 1.000 anos antes do “Gogue e Magogue” de S. João finalmente aparecer! Assim, os entusiastas da profecia pré-milenista entram em discussões prolongadas do atual poderio soviético e seus supostos preparativos para assumir o papel de “Gogue e Magogue”.<sup>4</sup> Ao mesmo tempo, há quase uma

<sup>3</sup> Isso deveria ser óbvio para quem já leu o livro até aqui; cf. Chilton, *Paradise Restored*, pp. 77-102.

<sup>4</sup> É sem dúvida verdade que o imperialismo agressivo da União Soviética e seu patrocínio mundial do terrorismo representam um grave perigo para as nações ocidentais; veja-se Jean-Francois Revel, *How Democracies Perish* (Garden City: Doubleday and Co., 1984). Isso, contudo, não tem nada a ver com profecia cumprida, e tudo a ver com o fato que o Ocidente tem simultaneamente engajado numa renúncia crescente da ética cristã e num progressivo equipamento militar e tecnológico dos seus inimigos; sobre o último, veja Antony Sutton, *Western Technology and Soviet Economic Development, 1917-67*, três vols. (Stanford: Hoover Institution Press, 1968-73); idem, *National Suicide* (New Rochelle, NY: Arlington House, 1973); cf. Richard Pipes, *Survival Is Not Enough: Soviet Realities and America's Future* (New York: Simon and Schuster, 1984). Aqueles que estão perplexos que a possível conquista futura dos Estados Unidos pelos soviéticos poderia não estar incluída na profecia bíblica, fariam bem em considerar o grande número de conflitos importantes ao longo dos últimos mil anos da história ocidental que também foram omitidos – tais como a Conquista Normanda, a Guerra das Rosas, a Guerra dos Trinta anos, a Guerra Civil Inglesa, a Revolução Americana, a Revolução Francesa, a Guerra Napoleônica, a Guerra dos

negligência completa quanto ao que o Livro de Apocalipse realmente diz sobre a guerra com Gogue e Magogue; aparentemente, os fatos específicos da revelação bíblica algumas vezes estorvam a “verdade profética”.<sup>5</sup>

Segundo, aqueles que interpretam a guerra de “Gogue e Magogue” como uma guerra do fim dos tempos envolvendo a União Soviética geralmente orgulham-se de serem “literalistas”. Todavia, deveríamos observar o que uma interpretação estritamente literal de Ezequiel 38-39 requer:

1. A razão de Gogue invadir Israel é para saquear seu ouro e prata, e *tomar o seu gado* (38:11-13); contrário à exposição pré-milenista, nada é dito sobre expropriar o petróleo de Israel ou extrair minerais do Mar Morto.
2. *Todos* os soldados de Gogue vão a cavalo (38:15); não há soldados em caminhões, jipes, tanques, helicópteros ou jatos.
3. *Todos* os soldados de Gogue estão carregando espadas, escudos de madeira e capacetes (38:4-5); suas outras armas são arcos e flechas, bastões e lanças, todas de *madeira* (39:3, 9).
4. Em vez de usar lenha (aparentemente ninguém sequer considera usar gás, eletricidade ou energia solar), os israelitas vitoriosos queimarão as armas de madeira de Gogue como combustível por sete anos (39:9-10).

Terceiro, a expressão **Gogue e Magogue** não se refere e nunca se referiu a Rússia. Essa idéia foi inteiramente inventada, e simplesmente repetida tantas vezes que muitos têm suposto ser a mesma verdadeira. As razões ostensíveis para essa interpretação são baseadas numa leitura peculiar de Ezequiel 38:3, que fala de “Gogue, príncipe e chefe de Meseque e Tubal”. A

---

Seminoles, as Revoluções de 1848, a Guerra da Criméia, a Guerra entre os Estados, a Guerra dos Índios Sioux, a Guerra dos Boer, a Guerra Hispano-Americana, a Revolução Mexicana, a Primeira Guerra Mundial, a Guerra Civil Espanhola, a Guerra Ítalo-Etíope, a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coreia, e a Guerra do Vietnã, para citar alguns; muitos das quais foram vistos por apocalipsistas contemporâneos como cumprimentos notáveis da profecia bíblica.

<sup>5</sup> O exemplo óbvio, sem dúvida, é Hal Lindsey, cujo livro *Late Great Planet Earth* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1970) gasta mais de trinta páginas (pp. 59-71, 154-68) detalhando como a União Soviética irá cumprir em breve a profecia de “Gogue e Magogue” na Batalha de Armagedon, e usa apenas duas ou três sentenças para lidar com Apocalipse 20:8 – nem sequer mencionando que a *única* referência a Gogue e Magogue em todo o Livro de Apocalipse está nesse versículo. Cf. idem, *There's a New World Coming: A Prophetic Odyssey* (Eugene, OR: Harvest House, 1973), pp. 222-25, 278. Outro exemplo é o usualmente mais circunspecto Henry M. Morris, cujo livro *Revelation Record: A Scientific and Devotional Commentary on the Book of Revelation* (Wheaton: Tyndale House Publishers, 1983) discute Gogue e Magogue sob Apocalipse 6:1 (pp. 108-110) e 16:12 (p. 310), porém procura com vigor descartar o significado da referência em 20:8 (pp. 422s.).

palavra *chefe* é no hebraico *rosh*, portanto, alguns têm traduzido o texto como “Gogue, o príncipe de Rosh”. *Rosh* soa algo como Rússia; portanto, Gogue é o príncipe (ou premier) da Rússia. Infelizmente para essa interpretação ingênua, *rosh* significa simplesmente *cabeça*, e é usado mais de 600 vezes no Antigo Testamento – nunca significando “Rússia”.<sup>6</sup>

Aqueles que sustentam que “Gogue” (um nome supostamente derivado de Georgia Soviética, visto que ambos começam com um “G”!) é o Premier soviético geralmente fazem a alegação adicional que “Meseque” é na verdade Moscou, “Tubal” é Tobolsk, e “Gômer” (de Ez. 36:6) é a Alemanha. Em sua mui útil análise desse assunto,<sup>7</sup> Ralph Woodrow comenta: “Isso é duvidoso. ‘Moscou’ vem de moscovitas e é um nome finlandês. Moscou foi primeiramente mencionado em documentos antigos em 1147 a.C., quando era uma pequena vila. Alguns pensam que Tubal significa Tobolsk, mas isso é apenas uma similaridade de som. Tobolsk foi fundada em 1587 a.C. Alguns pensam que Gômer [Ez. 38:6] significa Alemanha. É verdade que as palavras ‘Gômer’ e ‘Alemanha’ começam com um ‘G’, mas a palavra gizar também”.<sup>8</sup>

Woodrow continua dando cinco razões pelas quais a guerra de “Gogue e Magogue” mencionada em Apocalipse não pode ser idêntica àquela profetizada em Ezequiel:

1. Em Ezequiel, Gogue é um príncipe. Em Apocalipse, Gogue é uma nação. [Mas veja a explicação alternativa de Farrer logo abaixo.]
2. Em Ezequiel, Gogue é mencionado como vindo contra Israel com pessoas de vários países ao redor de Israel; em Apocalipse, Gogue e Magogue são retratados como nações dos quatro cantos da terra, cujo número é como a areia do mar.
3. Em Ezequiel, Gogue e suas tropas vêm contra Israel, um povo que tinha retornado do cativeiro e estava habitando sem muralhas; em Apocalipse, Gogue e Magogue sobem sobre a largura da terra e cercam a cidade dos santos.

<sup>6</sup> Aqui está uma lista completa dos seus usos apenas em Ezequiel: 1:22, 25, 26; 5:1; 6:13; 7:18; 8:3; 9:10; 10:1, 11; 11:21; 13:18; 16:12, 25, 31, 43; 17:4, 19, 22; 21:19, 21; 22:31; 23:15, 42; 24:23; 27:22, 30; 29:18; 32:27; 33:4; 38:2-3, 39:1; 40:1; 42:12; 43:12; 44:18, 20.

<sup>7</sup> Ralph Woodrow, *His Truth Is Marching On: Advanced Studies on Prophecy in the Light of History* (Riverside, CA: Ralph Woodrow Evangelistic Association, 1977), pp. 32-46.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 41.

4. Em Ezequiel o inimigo é Gogue *da* terra de Magogue; em Apocalipse, Gogue *e* Magogue

5. Em Ezequiel, as tropas de Gogue são derrotadas em Israel e o povo queima as armas restantes por *sete anos*; em Apocalipse, Gogue e Magogue são destruídos pelo fogo de Deus que cai do céu... As armas de madeira deveriam ser destruídas *ali e naquele momento*.

Não é incomum que as imagens de Apocalipse sejam baseadas em assuntos ou lugares do Antigo Testamento. A “Jezabel” de Apocalipse não é a mesma mulher que a de Reis. A “Sodoma” em Apocalipse não é a mesma Sodoma que a de Gênesis. A “Babilônia” em Apocalipse não é a Babilônia de Daniel. A “Nova Jerusalém” em Apocalipse não pode significar a antiga Jerusalém. Mas, em cada caso, o primeiro serve como um *tipo*. A mulher Jezabel já tinha morrido, as cidades de Sodoma e Babilônia já tinham sido sobrepujadas, e (em nossa opinião) a batalha de Ezequiel 38 e 39 (se for uma batalha literal) já tinha encontrado seu cumprimento dentro de um cenário do Antigo Testamento.<sup>9</sup>

Como Caird aponta, nos escritos judeus “Gogue e Magogue” era uma expressão freqüente e normal às nações rebeldes do Salmo 2, que reúnem-se “contra o SENHOR e contra o seu Ungido.”<sup>10</sup> Austin Farrer comenta: “S. João toma a história de Ezequiel e deixa o símbolo sem códigos. S. João diz que as nações, ou ‘gentios’ enganados por Satanás, então ‘nos quatro *cantos* da terra’ e talvez ele queira dizer isso, isto é, que os não reconciliados estão escondidos em terras a grandes distâncias do centro. A simples junção de ‘Gogue e Magogue’ não deve ser tomada como colocando sobre S. João o erro de entender os dois nomes como tribos, bem como príncipes. Em Ezequiel está perfeitamente claro que Gogue é o príncipe, Magogue o povo. S. João é inocente do equívoco; ele diz simplesmente ‘as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue’, isto é, o poder assim descrito

<sup>9</sup> Ibid., p. 42; cf. T. Boersma, *Is the Bible a Jigsaw Puzzle? An Evaluation of Hal Lindsey's Writings* (St. Catherines, Ont.: Paideia Press, 1978), pp. 106-25; veja também a discussão de “Gogology” por Cornelis Vanderwaal em *Hal Lindsey and Biblical Prophecy* (St. Catherines, Ont.: Paideia Press, 1978), pp. 78-80.

<sup>10</sup> G. B. Caird, *A Commentary on the Revelation of St. John the Divine* (New York: Harper & Row, Publishers, 1966), p. 256. Caird cita as seguintes referências no Talmude: *Ber.* 7<sup>b</sup>, 10<sup>a</sup>, 13<sup>a</sup>; *Shab.* 118<sup>a</sup>; *Pes.* 118<sup>a</sup>; *Meg.* 11<sup>a</sup>; *San.* 17<sup>a</sup>, 94<sup>a</sup>, 97<sup>b</sup>; *'Abodah Z.* 3<sup>b</sup>; *'Ed.* II 10.

por Ezequiel – como um orador inglês poderia ter dito, ‘as forças do nacionalismo frustrado, Hitler e Alemanha’. É sem dúvida curioso que S. João iguala sem explicação as tribos nos quatro cantos com uma tribo num canto; só que ele faz exatamente a mesma coisa na visão de Armagedon. O Eufrates se seca para deixar os reis do Oriente passar; os três demônios enganam a *todos os reis da terra* para que cheguem ao Armagedon. A antiga figura bíblica de uma invasão do nordeste recebe, nos dois casos, uma interpretação ecumênica.”<sup>11</sup>

Isso é reforçado pela observação de S. João que o **número deles é como a areia do mar** – a mesma imagem hiperbólica usada para as nações cananitas conquistadas por Josué (Josué 11:4) e os midianitas derrotados por Gideão (Juízes 7:12) – dois dos maiores triunfos na história do povo do pacto. Em vez de ser uma razão para pânico e fuga, o cerco dos santos por uma horda rebelde e grande “como a areia do mar” é um sinal que o povo de Deus está a ponto de ser vitorioso, completa e magnificamente. A razão de Deus trazer uma vasta multidão para lutar contra a Igreja não é para destruí-la, mas para que a Igreja obtenha uma vitória mais rápida. Ao invés do povo de Deus ter que buscar os seus inimigos e travar combate com eles um a um, Deus permite que Satanás incite-os a uma oposição concentrada, de forma que possam ser aniquilados rapidamente, de uma só vez.

**9-10 E subiram sobre a largura da terra:** Isso lembra a profecia de Isaías de uma invasão assíria vindoura, que “encherá a *largura da tua terra*” (Is. 8:8); todavia, como Isaías continua e diz, a terra pertence a **Emanuel**. Se o povo confia nele, todo o poder do inimigo será quebrado. O Israel fiel pode zombar de seus atacantes:

Ajuntai-vos, ó povos, e sereis quebrantados;  
dai ouvidos, todos os que sois de terras longínquas;  
cingi-vos e sereis feitos em pedaços,  
cingi-vos e sereis feitos em pedaços.  
Tomai juntamente conselho, e ele será frustrado;  
dizei uma palavra, e ela não subsistirá,  
porque Deus é conosco. (Isaías 8:9-10)

---

<sup>11</sup> Austin Farrer, *The Revelation of St. John the Divine* (Oxford: At the Clarendon Press, 1964), pp. 207s.

Todavia, a alusão de S. João à profecia de Isaías é também um lembrete que o antigo Israel é agora apóstata. Para ele não há mais um Emanuel. Ele rejeitou definitivamente seu Criador e Esposo, e Ele o abandonou. Em vez disso, Deus está agora com a Igreja, e são os oponentes da Igreja que serão quebrados, embora possam ser tantos quanto a areia do mar em número (Gn. 32:12)! Jesus Cristo é a Semente de Abraão, e Ele possuirá a porta dos Seus inimigos, por amor a Sua Igreja (Gl. 3:16, 29; Gn. 22:17).

A imagem de S. João para o povo de Deus reunido combina o **arraial dos santos** de Moisés com a **cidade amada** de Davi e Salomão. Essa Cidade é a Nova Jerusalém, descrita em detalhe em 21:9-22:5. A importância disso não deveria ser ignorada: A Cidade existe durante o Milênio (isto é, o período entre o Primeiro e o Segundo Advento de Cristo), o que significa que o “novo céu e a nova terra” (21:1) são uma realidade presente bem como futura. A Nova Criação existirá na forma consumada após o Juízo Final, mas já existe, definitiva e progressivamente, na presente era (2Co. 5:17).

Os apóstatas se rebelam, e as forças de Satanás **cercam** brevemente a Igreja; mas não existe sequer um momento de dúvida sobre o resultado do conflito. Na verdade, não existe nenhum conflito real, pois a rebelião é imediatamente esmagada: **e de Deus desceu fogo, do céu, e os devorou**, como fez com os cidadãos de Sodoma e Gomorra (Gn. 19:24-25), e os soldados de Acabe (2 Reis 1:10,12). Será esse um **fogo** literal no final do mundo? Isso parece provável, embora devamos lembrar que S. João está agora nos mostrando “um mundo de símbolos muito sombrio e distante, para ser sequer disputado.”<sup>12</sup> Reconhecendo que essa chuva de fogo pode se referir ao “golpe por meio do qual Cristo em Sua vinda há de ferir aos perseguidores da Igreja que Ele encontrará vivos sobre a terra”, Santo Agostinho propôs outra explicação: “Nesse lugar ‘fogo do céu’ se entende bem como a firmeza dos santos [cf. 11:5], com a qual eles recusam render obediência àqueles que se iram contra eles. Pois o firmamento é o ‘céu’, por meio de cuja fraqueza esses atacantes serão afligidos com zelo chamejante, pois serão impotentes para atrair os santos ao partido do Anticristo. Esse é o fogo que os devorará, e esse fogo é da parte ‘de Deus’; pois é pela graça de Deus que os santos se tornam inconquistáveis, e assim atormentam aos seus inimigos.”<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Farrer, p. 208.

<sup>13</sup> St. Augustine, *The City of God*, xx.12.

Em todo o caso, o ponto básico do texto é que, em contraste aos exércitos da Besta, que foram “mortos” (isto é, convertidos) pela espada da boca da Palavra de Deus (19:15, 21), esses rebeldes deliberados do fim serão destruídos por completo. Toda a oposição ao Reino de Deus é completamente eliminada. O Dragão nunca teve realmente uma chance – sua soltura do Abismo era uma armadilha desde o início, com o único propósito de atrair as duas forças ao campo aberto, para fazê-las visíveis e poder destruí-las. Terry comenta: “É uma grande figura simbólica, e o seu grande ensinamento é claro, estando além da possibilidade de dúvida ou mal-entendido, a saber, que Satanás e suas forças devem todos finalmente perecer. Isso é escrito para o conforto e confiança dos santos. Mas essa vitória final está no futuro distante, no final da era Messiânica, e é aqui simplesmente esboçada em símbolos apocalípticos. Qualquer presunção, portanto, de determinar eventos específicos do futuro a partir desse grande simbolismo deve ser considerada, como na natureza do caso, uma espécie de especulação sem valor e enganosa.”<sup>14</sup>

Sem descer à “especulação enganosa”, é válido perguntar: *Por que* as nações se rebelarão após viver numa ordem mundial cristianizada? Em seu estudo inspirador sobre a “Graça Comum, Escatologia e a Lei Bíblica”, Gary North explica que tanto a cultura regenerada como a cultura não-regerada, como o “trigo” e o “joio”, se desenvolvem historicamente para uma maior consistência com as suas pressuposições – na frase de Cornelius Van Til, “a autoconsciência epistemológica”. Com o tempo, à medida que os cristãos se conformam mais plenamente aos mandamentos de Deus, e através disso recebem Suas bênçãos, eles se tornam mais poderosos e alcançam um domínio maior. Mas o que acontece com os incrédulos, à medida que se tornam mais autoconscientes? North escreve: “Nos últimos dias dessa era final na história humana [isto é, no fim do Milênio], os satanistas ainda terão os enfeites da ordem cristã sobre eles. Satanás tem que se sentar no colo de Deus, por assim dizer, para bater em Sua face – ou tentar fazê-lo. Satanás não pode ser consistente com a sua própria filosofia de ordem autônoma e ainda ser uma ameaça a Deus. Uma ordem autônoma leva ao caos e impotência. Ele sabe que não existe nenhum terreno neutro na filosofia. Ele sabia que Adão e Eva morreriam espiritualmente no dia que comessem do fruto. Ele é um teólogo bom o suficiente para saber que existe um Deus, e ele e sua hoste

---

<sup>14</sup> Terry, *Biblical Apocalypitics*, p. 455.



treme diante desse pensamento (Tiago 2:19). Quando os homens demoníacos tomam seriamente suas mentiras sobre a natureza da realidade, eles tornam-se impotentes, deslizando (ou quase) do colo de Deus. É quando os satanistas percebem que a filosofia oficial de caos e ilegalidade antinomiana de Satanás é uma *mentira* que eles tornam-se perigosos... Eles aprendem mais da verdade, mas pervertem-na e tentam usá-la contra o povo de Deus.

“Assim, o significado bíblico da autoconsciência epistemológica não é que os satanistas tornam-se consistentes com a filosofia oficial (caos) de Satanás, mas antes que a hoste de Satanás torna-se consistente com o que Satanás *realmente* crê: que ordem, lei e poder são o produto da odiada ordem de Deus. Eles aprendem a usar a lei e a ordem para construir um exército de conquista. Resumindo, *eles usam a graça comum* – conhecimento da verdade – *para perverter a verdade e atacar o povo de Deus*. Eles se voltam de um falso conhecimento oferecido a eles por Satanás, e adotam uma forma pervertida da verdade para usá-la em seus planos rebeldes. Eles *amadurecem*, em outras palavras. Ou, como C. S. Lewis colocou na boca de seu personagem fictício, o velho diabo Screwtape, quando os materialistas finalmente crêem em Satanás mas não em Deus, então a guerra terminou. Não exatamente; quando eles crêem em Deus, sabem que Ele irá vencer e, todavia, atacam com fúria – não com fúria cega, mas *fúria plenamente autoconsciente* – as obras de Deus, *então* a guerra está terminada.”<sup>15</sup>

North conclui: “O pós-milenista crê que haverá fé em geral sobre a terra quando Cristo aparecer? Não se ele entende as implicações da graça comum. Ele espera que o mundo todo seja destruído pelos rebeldes incrédulos antes que estes morram com o golpe de Cristo – uma morte dupla? Não. O julgamento vem antes que eles possam fazer o seu trabalho. A graça comum é estendida para permitir que os incrédulos encham seu cálice de ira. Eles são vasos de ira. Portanto, o cumprimento dos termos do pacto de domínio por meio da graça comum é o passo final no processo de encher esses vasos de ira. Os vasos de graça, os crentes, também serão cheios. Tudo está cheio. Deus irá destruir Seu penhor preliminar nos Novos Céus e Nova Terra? Deus apagará o sinal de que Sua palavra tem sido obedecida, que o pacto de domínio tem sido cumprido? Irá Satanás, o grande destruidor, ter a alegria de ver frustrada a palavra de Deus, e a obra de Suas mãos jogada por

---

<sup>15</sup> Gary North, “Common Grace, Eschatology, and Biblical Law,” *The Days of Vengeance*, Apêndice C, pp. 657s.

terra pelas próprias hordas de Satanás? O amilenista responde sim. O pós-milenista deve negar isso com todas as suas forças.

“Há continuidade na vida, a despeito das discontinuidades. A riqueza do pecador é guardada para o justo. Satanás gostaria de queimar o campo de Deus, mas ele sabe que não pode. O joio e o trigo crescem até amadurecer, e então os ceifeiros saem para colher o trigo, cortando a palha e jogando-a no fogo... Quando [Satanás] usa seus dons para tornar-se final e totalmente destrutivo, ele é cortado desde o alto. *Essa culminação final da graça comum é o retumbar da condenação de Satanás*

“E os mansos – mansos diante de Deus, ativos para com a Sua criação – herdarão para sempre a terra. Uma terra e um céu renovados é o pagamento final por Deus o Pai ao Seu Filho e àqueles que Ele deu ao Seu Filho. Essa é a esperança pós-milenista.”<sup>16</sup>

**Assim, o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre.** A causa de Satanás será final e totalmente derrotada. Para ilustrar isso, S. João novamente usa imagens baseadas no holocausto de Sodoma e Gomorra (Gn. 19:24-25, 28) e a destruição dos rebeldes no deserto de Cades (Nm. 16:31-33), baseada no uso similar de Isaías para descrever a ruína completa de Edom (Is. 34:9-10). Ele já tinha representado a destruição eterna da Besta e do Falso Profeta e seus seguidores por tais imagens (veja 14:10-11; 19:20); agora ele mostra que o principal instigador da conspiração cósmica está inevitavelmente condenado a sofrer o mesmo destino.

**Fonte: *The Days of Vengeance*, David Chilton, p. 519-529.**

---

<sup>16</sup> Ibid., pp. 663s.